

CAPÍTULO 4

“EU VIM PARA PORTUGAL...”

NARRATIVAS DE SUBJETIVIDADE MIGRATÓRIA

*Carlos Nolasco*¹

1. O indivíduo no contexto das migrações

Contabilizados aos milhões, compilados em séries estatísticas, catalogados em tipologias e interpretados por leituras teóricas que os transcendem, os migrantes convertem-se em entidades abstratas ignorados na sua individualidade. A generalidade dos discursos sobre migrantes reproduzem uma imagem uniformizada de um coletivo de indivíduos, em que a história particular de cada um não é tida em consideração. Sandro Mezzadra (2010: 16 e ss.), numa breve revisão de como as migrações são representadas, assinala os vícios de alguns desses discursos: a argumentação comum, numa perspectiva paternalista e multicultural, identifica os migrantes como sujeitos frágeis, fugidos da fome e miséria, culturalmente diferentes e carentes de assistência, ou então, numa perspectiva ostracista, tende a relacioná-los com a clandestinidade, ilegalidade, criminalidade, atribuindo-lhes a responsabilidade pelo desemprego ou exaustão dos sistemas de segurança social; no discurso da comunicação social é recorrente a utilização de metáforas para falar das dinâmicas migratórias, como por exemplo “vagas de migração”, “fluxos migratórios” “abertura e fecho de comportas”, como se de uma força ou inevitabilidade se tratasse em virtude das diferenças entre espaços geográficos; por sua vez, os discursos académicos concebem os migrantes como sujeitos passivos, submetidos às dinâmicas resultantes de fatores de repulsa e atração, grandemente determinadas pelos desequilíbrios da divisão internacional do trabalho, bem como das lógicas do capitalismo. A estes

¹ Investigador de pós-doutoramento da FCT no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, integrando o Núcleo de Estudos sobre Humanidades, Migrações e Estudos para a Paz (NHUMEP). É membro do Grupo de História e Desporto. É doutorado em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Foi docente em diversas instituições de ensino superior, lecionado disciplinas no campo das Ciências Sociais, tendo ocupado cargos de direção e também em órgãos científicos e pedagógicos. Participou em diversos projetos de investigação no CES. Tem como áreas de interesse as Migrações, o Desporto e a Sociologia Visual. cmsnolasco@gmail.com

discursos poderia ainda juntar-se o discurso político, estruturado em torno da dicotomia jurídica do estatuto dos migrantes enquanto legais, regulares vs. ilegais, irregulares ou clandestinos. É pois de notar que, em muitos dos discursos, os migrantes enquanto sujeitos dos processos migratórios são submersos pelo conceito de migrações, diluindo-se a sua individualidade na dinâmica que preside ao ato de migrar. Em simultâneo, a assunção plural da migração como um processo social coletivo, anula a expressão singular da subjetividade de cada migrante.

No âmbito das ciências sociais, tornou-se recorrente a coexistência de explicações de tipo “micro” e “macro”, em que as migrações ora resultam da tomada de decisão racional dos indivíduos, ora são consequência de “forças” que os ultrapassam (Peixoto, 2004: 8). Sabendo que as teorias “macro”, por privilegiarem as explicações fundamentadas em “forças” que impelem à migração, desprezam a escala individual dos sujeitos migrantes, poder-se-ia supor que a perspetiva “micro” os tivesse em consideração na sua subjetividade. Efetivamente, desde os trabalhos ancestrais de Ravenstein que os indivíduos são considerados na explicação das migrações, os quais racionalizam as condições push e pull do ato migratório, e com base nessa avaliação tomam ou não a decisão de migrar. No entanto, nesta perspetiva micro, mais uma vez, são os fatores externos de repulsão e atração das condições socioeconómicas dos espaços de origem e destino, que são ponderados na decisão, não se tendo em conta os fatores pessoais, afetivos, emotivos e subjetivos da vida do imigrante. Ou seja, também nas ciências sociais, as migrações raramente são analisadas desde o ponto de vista dos sujeitos migrantes (Lechner, 2009a: 148)

Um dos equívocos mais comuns na observação das migrações internacionais é a consideração dos migrantes como um conjunto homogêneo de indivíduos, partilhando características, estratégias e destinos comuns, pois como diz João Peixoto, “se considerarmos as diferentes circunstâncias de partida e de chegada, as causalidades, motivações e consequências envolvidas, haverá tantas formas de migrações quanto os indivíduos e as estratégias utilizadas” (1998: 25). Assim, as migrações contemporâneas não são passíveis de se encerrar numa única narrativa, e principalmente, ficarão sempre limitadas no seu entendimento se não contemplarem as narrativas de vida produzidas pelos próprios protagonistas das migrações.

Na essência, os fluxos migratórios são compostos por indivíduos que transportam consigo histórias que evocam a partida, o trajeto, a chegada

e inserção nas sociedades de destino. As contingências destas etapas, significando ruturas biográficas (Lechner, 2009b: 91) tornam cada história de migração individual numa diáspora singular, em que o migrante antes de ser “um que chega” é “um que sai”, afetado pela dupla condição de emigrante e imigrante (Sayad, 1999). É alguém que deixa “o contexto da sua narração identitária, das suas referências significativas, deixa os referentes conceptuais nos quais formou as suas crenças e os seus costumes e também o próprio desejo de imigrar” (Piastra, 2008: 27), para se integrar noutros contextos em que a sua identidade e individualidade é respeitada ou violentada, e em que a sua subjetividade é expressão de todas essas contingências.

Entende-se aqui por subjetividade a ação e representação dos sujeitos sobre papéis que assumem em específicos contextos sociais, históricos, políticos e culturais. Sendo que a interpretação dessas ações e representações é feita a partir de aspetos como os sentimentos, as emoções, as intenções, valorizações, entre outros, os quais ganham consistência através das narrativas pessoais das histórias e experiências de vida. Neste âmbito, as migrações, pelas inúmeras e profundas implicações que têm nos percursos biográficos dos sujeitos migrantes, constituem um fenómeno privilegiado para ser interpretado pelas subjetividades suscitadas pelas narrativas de vida.

Neste texto procura-se ultrapassar as omissões da uniformidade e homogeneização implícitos nos estudos das migrações, realçando a subjetividade que cada migrante comporta. Não se pretende escamotear a objetividade das questões e motivações económicas na vida dos migrantes, nem tão pouco questionar os retratos estatísticos que se fazem das migrações internacionais, ou sequer o que é afirmado pelas múltiplas abordagens teóricas. Procura-se, tão-somente, sublinhar a subjetividade de cada diáspora pessoal, e a importância que as mesmas têm para a compreensão ampla dos processos migratórios.

Assim, através de narrativas individuais de seis mulheres migrantes conta-se a experiência de cada uma delas, tendo como ponto de partida a frase “eu vim para Portugal”. Apesar da objetividade das motivações imediatas, o seu trajeto para Portugal está enredado em múltiplas subjetividades pessoais. Essas narrativas foram efetuadas num contexto metodológico de biografização (Delory-Momberger, 2009b), mais concretamente numa oficina biográfica realizada no âmbito do projeto Pesquisa das

Migrações e Abordagem Biográfica: Construindo um trabalho em colaboração no contexto português.

2. Em busca da subjetividade migrante

Uma forma de alcançar a subjetividade migrante, e conseqüentemente superar os enquadramentos redutores da sua individualidade, é conseguida através do recurso a narrativas biográficas. O método biográfico pode ser concebido como uma alternativa à inadequação de outras técnicas metodológicas, ultrapassando o trabalho lógico-formal e o modelo mecanicista que caracteriza a epistemologia estabelecida, constituindo-se por isso como o método adequado para o universo singular do indivíduo (Ferrarotti, 1991: 172). De forma análoga, ainda que noutra âmbito, Boaventura de Sousa Santos (2008: 15) propõe as “vozes do mundo” como um modo não científico de conhecimento, em que através da verbalização da experiência própria se torna possível uma compreensão mais ampla do mundo, permitindo a reinvenção da emancipação social. Através destas metodologias de diálogos de vida, marcada por uma escuta atenta, curiosa e partilhada, torna-se tangível a utopia concreta de superar as formas assépticas de investigação (Lechner, 2009b: 45). Já não se trata de acumular conhecimento, ou competências para intervir no mundo, mas conseguir espaços de visibilidade de experiências, de legitimação de testemunhos e reconhecimento de subjetividades.

No caso concreto das narrativas de migrantes, que passaram por ruturas biográficas e reconstrução de identidades, o resgate desses momentos constitui uma atribuição de sentido e entendimento mútuo. Ou seja, a um migrante, “solicitar a auto-narração, da sua história pessoal, permite um outro olhar sobre as realidades migratórias, quaisquer que elas sejam” (Collet e Veith, 2013: 37), ao mesmo tempo que, como afirma Christine Delory-Momberger (2009c: 28), permite uma atribuição pessoal de sentido à experiência vivida.

Uma possibilidade metodológica de obtenção de relatos biográficos sobre as experiências de migração é a da realização de “ateliers biográficos com migrantes”. Segundo Elsa Lechner (2012: 6), estes exercícios de biografização são rodas de histórias, à semelhança da *arbe à palabre* africana, onde em grupo “as pessoas narram as suas experiências de vida e escutam as histórias dos outros participantes, permitindo que cada um ofereça a sua perceção sobre os relatos produzidos, ocorrendo um efeito de cons-

ciencialização (pela relativização das experiências), formação (aprendizagem mútua) e transformação (descoberta de novas possibilidades). Assim, as narrativas produzidas nos ateliês biográficos têm um alcance emancipatório conseguido através de três aspetos: validação dos discursos de cada participante nos ateliês; valorização das experiências individuais frequentemente anuladas por estereótipos, preconceitos e estigmatizações; co construção do saber que reconhece a experiência do outro” (Lechner, 2009b: 43).

As narrativas apresentadas neste texto foram obtidas numa oficina biográfica realizada no âmbito do projeto já anteriormente referido. Esta oficina foi realizada em Coimbra, em março de 2013, sendo exclusivamente constituída por mulheres migrantes. A justificação para realizar uma oficina com este perfil de participantes, resultou da constatação das contingências adicionais de se ser mulher imigrante, casada ou solteira, mãe, longe da rede de apoio familiar, com ou sem trabalho. Circunstâncias que necessitaram de uma abordagem própria, e que apesar de já terem sido enunciadas nas oficinas anteriores, careciam de uma narração própria. A oficina foi realizada ao longo de três dias, concretizando-se com os relatos biográficos das voluntárias a partir da frase “eu vim para Portugal” e de outras experiências relacionadas com a sua condição de mulheres migrantes, exercícios de escuta e partilha de ressonâncias. A frase “eu vim para Portugal” foi proposta pela equipa como início das narrativas, procurando-se que todas as voluntárias afirmassem porquê ou em que circunstâncias vieram para o país.

A oficina foi formada por seis mulheres voluntárias, sendo três brasileiras, uma moçambicana, uma ucraniana e uma guineense. Os nomes pelas quais são designadas são os nomes próprios, tendo a equipa recebido as respetivas autorizações escritas para os citar. As voluntárias são aqui apresentadas pela ordem das suas intervenções e caracterizadas em conformidade com as variáveis pessoais (estado civil, situação na profissão, local de habitação, entre outras) apresentadas à data da realização da oficina. As dificuldades suscitadas pela realização desta oficina são reveladoras da condição migrante das mulheres que nela participaram: as mulheres com filhos pequenos não tinham com quem os deixar durante os três dias de realização da oficina; outras mulheres estavam a frequentar cursos de formação do Instituto do Emprego e Formação Profissional e não podiam faltar; e ainda, apesar de todas as mulheres viverem em Coimbra,

algumas tinham dificuldades financeiras para se deslocarem até ao local onde decorreu a oficina.

Os estratos das narrativas que em seguida são transcritos têm por base a apresentação de como cada mulher veio para Portugal. O desenvolvimento da oficina abordou de forma direta e indireta outros assuntos, nomeadamente situações de discriminação, acesso à habitação, saúde, educação e trabalho, precariedade, resiliência, vida social, e identificação com a cidade e seus estereótipos. A opção pela narrativa de “eu vim para Portugal” justifica-se por esse ser o momento que marca a rutura entre o antes e o depois da imigração, por este ser marcante em termos de rutura biográfica, significando uma mudança de espaços e tempos nas vidas de cada uma das mulheres migrantes, e a consequente situação de imigrante em Portugal. É ainda de referir que as narrativas apresentadas não foram sujeitas a qualquer correção, mantendo os traços linguísticos, e formas de expressão verbalizadas pelas mulheres.

3. Eu vim para Portugal

A narrativa de cada uma das seis mulheres teve inicialmente por base a descrição da sua vinda para Portugal. A sintaxe da afirmação “eu vim para Portugal” contém três momentos importantes no exercício de biografização: “eu” é a consciencialização da individualidade de cada migrante, a assunção de se ser sujeito de ação da sua vida e, consequentemente, agente da sua própria emancipação ou resignação; “vim” é o verbo da rutura biográfica, equivale à ação de deixar um espaço de pertença, com as condições físicas, sociais e culturais que lhe estão implícitas, e a entrada num outro espaço que é estranho e lhe condiciona a sua afirmação de sujeito; “Portugal” é o espaço concreto para onde vieram, com as suas características culturais, climáticas, linguísticas, gastronómicas e de sociabilidades, que consoante os contextos pode ser mais ou menos acolhedor ou hostil.

Socorro, Flávia, Elisabete, Dália, Lyuba e Rosantina são as mulheres que contam a sua vinda para Portugal. A narrativa de cada uma delas começa invariavelmente por relativizar a sua própria experiência de vida, afirmando que a sua história é pouco relevante e que pouco há a assinalar, desde logo porque os seus percursos não correspondem a uma ideia preconcebida de história com relevância para ser contada.

“A minha história [...], não tem nada de muito interessante. Aquela história que envolveu muito drama, Não, não tem mesmo, não tem muito” (Socorro).

“Pronto, a minha também, a minha vinda também não teve nada de extraordinário” (Flávia).

“A minha história não é lá grande coisa” (Elisabete)

No entanto, as pessoas comportam específicas histórias de vida, de percursos, de contingências, e mais tarde, até por referência aos outros migrantes, necessitam de afirmar o que se passou com elas próprias. Para quem fala, a narração é uma catarse. Para quem ouve, a narração alheia é uma identificação e afirmação da sua própria história.

“Depois começa a contar e sai cada coisa, não é? A gente diz que não tem, mas tem cada detalhe, tem um detalhezinho...” (Socorro).

A resistência a contar o percurso de vida e a posterior disponibilidade para narrar a própria experiência migratória, parece refletir a nível pessoal e inconsciente a diferença epistemológica entre história de vida e narrativa de vida. Daniel Bertaux (2010: 15), para além da controvérsia sobre este tema, distingue entre a dimensão factual da história vivida e a narrativa que é produzida ao contar essas mesmas vivências. As mulheres migrantes que participaram na oficina biográfica parece, num primeiro momento oferecerem resistência a contar os pormenores do seu percurso migrante, para posteriormente, perante as narrativas alheias e a intensidade da verbalização das outras histórias, fazerem a sua narração centrada nas próprias subjetividades.

Socorro Sousa foi a primeira a narrar a sua vinda para Portugal. É brasileira, casada, mãe de dois filhos e encontrava-se grávida de sete meses. O marido, cozinheiro de profissão, veio para Portugal quatro anos antes, deixando Socorro sozinha durante esse tempo com os dois filhos. Ao fim de quatro anos, quando o marido regularizou a sua situação migratória e conseguiu a ajuda financeira do patrão, Socorro veio com os filhos para Portugal, viver em Coimbra. Trabalhou como empregada de limpeza, deixando de o fazer quando engravidou novamente. A precariedade laboral do marido e os abusos laborais de que é vítima suscitam dificuldades financeiras à família. Socorro afirma não querer voltar para o Brasil, segundo ela, o que a incentivou a vir e a motiva a ficar é a segurança e o sossego que encontra em Portugal para criar os seus filhos.

“O meu marido é cozinheiro, fez muitos cursos (...) no Brasil. Um dos professores perguntou se um dia houvesse uma oportunidade, se ele aceitaria tra-

balhar fora do Brasil. Demorou anos até surgir essa proposta. Quando foi em Setembro de 2004 veio essa proposta de ele trabalhar em Portugal. Ele aceitou e veio na frente. Veio como turista. Ficou trabalhando na Mealhada. Como nós não tínhamos possibilidade financeira para virmos, veio ele como turista. Ficou dois anos ilegal. Voltou para o Brasil, ajeitou a documentação, pegou visto de trabalho. Mesmo assim, só quatro anos depois é que a gente pôde vir. Inicialmente era muito caro para virmos os três. O patrão ajeitou para que ele pagasse depois as passagens. Chegámos aqui em Outubro de 2008.”

Flávia Batista também é brasileira, divorciada, tem três filhos. Saiu de Minas Gerais para viver em Portugal com o marido que migrara anos antes para trabalhar na construção civil. O objetivo do casal era juntar dinheiro para comprar uma casa no Brasil. Quando o marido veio para Portugal, foi viver em Vila Nova de Poiares, onde já tinha família. Ainda antes de regularizar a situação, o marido enviou-lhe dinheiro para que Flávia se mudasse com os filhos para Portugal. Foi ela que depois de chegar conseguiu trabalho e tratou da regularização do casal, apesar da persistência de problemas com o SEF. Em Portugal, Flávia teve o seu terceiro filho. Contudo, o casamento acabou e o marido regressou ao Brasil. Flávia não quis voltar porque teme a falta de segurança das grandes cidades brasileiras.

“O meu ex-marido já tinha um ano e três meses que estava aqui. A família dele já estava toda aqui. Primeiro foi o irmão mais velho, trouxe a esposa. Depois trouxe o outro irmão. Depois trouxe esse outro irmão, que também trouxe a esposa. Depois outro irmão. Eu fui a última. Foi para Vila Nova de Poiares. Foi porque o amigo do irmão mais velho do meu marido tinha família lá. Foi para lá que eles foram. Era lá que ele tinha morado. (...). Eu fui a última a vir, depois de um ano e três meses que ele estava aqui. Eu estava lá na minha vida, como sempre, a manter a minha casa e os meus filhos. E eu dizia para ele: “então como é que é meu filho? Não manda dinheiro, nem nada. Como é a nossa vida?”. Ele dizia para mim, “eu não arrumei nada”. Eu dizia para ele, “se não arrumou nada vem embora. Se a gente casou é para ficar junto. Agora se é para ficar separado, que seja alguma coisa em condições, tem que valer a pena”.

Depois de um ano e três meses ele mandou dinheiro para mim para a gente vir. Só que eu vinha como turista e tinha pouco dinheiro. O cara da agência de viagem enrolou uma nota de dólar bem grande num rolo de notinhas de

um dólar, para parecer que eu tinha muito. Eu disse “Reginaldo, se eles abrem isso...”, “você não tem fé em Deus”, disse ele. (...)”

Elisabete Febras é brasileira, casada com um português, e mãe de três filhos. Depois de uma crise conjugal seguida de separação, Elisabete conheceu um português pela internet. Após alguns meses de namoro, sem se encontrarem fisicamente, Elisabete veio inicialmente a Portugal conhecer o seu namorado e passar férias. Depois de voltar ao Brasil, divorciou-se, e regressou novamente a Portugal, desta vez para se casar e fixar residência. Os seus três filhos do anterior casamento acompanharam-na também. Com experiência na área do comércio, Elisabete trabalhou numa loja em Coimbra, mas ficou entretanto desempregada e tem tido dificuldade em encontrar emprego no país.

“Fui casada 16 anos no Brasil. Tenho três filhos. Tive lojas no Brasil: lojas de noivas, lojas de roupa, lojas de presentes de brinquedo. Eu e o meu marido, ou antes, o meu ex-marido. Ele é uma ótima pessoa. Só que não deu certo porque ele é uma pessoa muito boa... Ele conversa muito... Ele tem a mania de conversar e pôr a mão na pessoa. Mas ele é uma ótima pessoa, adoro ele. Só que quando eu descobri, já tínhamos 7 anos de casados. Ainda aguentei até aos 16 anos e depois já não aguentei mais. Foi mesmo só por causa disso. Entretanto, nesse ínterim, a minha irmã sempre estava na internet. Uma vez fui passar uns dias na casa dela, e ela estava a conversar com uma pessoa na internet. Eu perguntei, “o que é isso?”. Nunca tinha experimentado. E conheci o meu atual marido pela internet. Conhecemo-nos, ficámos conversando uns dois ou três meses, depois vim para cá.

Vim para cá sozinha, no escuro. Porque na internet você pode falar mil e uma coisa e não ser nada daquilo. Ganhei coragem e vim. (Ele é português, aqui de Coimbra). Eu dei sorte porque ele é uma excelente pessoa. Vim em Agosto de 2003. Fizeram imensas perguntas, e eu falei que vim passear. Eu vim para o conhecer pessoalmente, porque só nos conhecíamos pelo telefone e pela internet.

Fiquei 20 dias aqui. Foi nas férias dele. Ele trabalha numa empresa dele. Foi a primeira vez que ele tirou férias. É uma empresa de informação. Antes de mim acho que ele só teve uma namorada. Eu tenho 45 e ele 49.

Depois voltei para o Brasil e já fui decidida. Quis o divórcio. O meu ex-marido soube que eu tinha vindo para cá para conhecê-lo. Divorciámo-nos.

Voltei para cá em 2004. Foi no comezinho de janeiro. E casei no 31 de janeiro desse mesmo ano. Dois dias antes do meu casamento vieram os meus

dois filhos mais novos. O mais velho ficou, porque não dava para sair da escola. Depois de um tempo veio também. Tenho os meus três filhos aqui. O pai deles já veio três vezes e ficou em minha casa. O meu ex-marido é uma pessoa excepcional, de tal forma que o meu marido atual adora ele. O ano passado veio e ficou um ano em minha casa. Depois voltou.

Depois que vim para cá fui trabalhar numa loja de lingerie. Sempre trabalhei no comércio, que era do tio do meu marido atual. Fiquei 5 anos na loja. O senhor que comprou queria que eu ficasse, mas eu não quis ficar. Depois fui trabalhar no hospital e noutras coisas, e agora estou desempregada, porque a idade começa a pensar. Não adianta você ter experiência, saber inglês...”

Dália David é moçambicana e tem três filhos. Chegou a Portugal com uma bolsa de estudos para realizar um mestrado em Saúde Pública na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Dália veio inicialmente sozinha, posteriormente a sua filha veio viver com ela e fazer em Coimbra o ensino secundário. Concluído o mestrado, Dália permaneceu em Portugal, confrontando-se com problemas de regularização levantados pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Entretanto matriculou-se num programa de doutoramento em Lisboa.

“Eu vim de Moçambique em 2009. Ganhei uma bolsa de estudo em 2008, e a condição era fazer busca de um país. Segundo o regulamento dessa bolsa, nós tínhamos que fazer a formação fora do país (...). Era uma bolsa da Fundação Ford, uma fundação americana. Eu tinha escolhido três países como opção: Inglaterra, Espanha e Brasil. Eu estava a fazer “Saúde Pública” e pela pesquisa, estes eram os países que tinham boas formações nesta área. Não poderia passar um ano sem usufruir da bolsa, senão perdê-la-ia. No fim de 2008 comecei a pesquisar pessoalmente. Fiz uma busca por Portugal só por fazer, porque não era minha intenção vir para cá, mas coincidentemente, nessa busca, eu consegui enviar uma carta para a Universidade de Coimbra, e eles responderam-me em menos de um mês. Levei para a responsável das bolsas, e ela fez o contacto. Porque tinha de ser de instituição para instituição. Isto foi no mês de Maio, e no fim de junho, que era o final da candidatura, eles aprovaram-me e começou a tratar-se da minha vinda para aqui. Eu vim para cá em outubro, dia 9 de outubro.

Lá eu fiz medicina dentária, mas eu estava a trabalhar num projeto de reforma da educação profissional, projeto ligado à saúde pública. Vim para cá em 2009. O mestrado eram dois anos. No fim de 2011 terminei o mestrado, e

depois disso fui admitida a doutoramento em Lisboa. Durante a minha estadia, eu vim cá primeiro sozinha. Depois em 2010 mandei vir a minha filha. Eu tenho três filhos, dois rapazes e uma menina. Ela entrou cá no fim do período de 2010, já muito tarde. Ela terminou o ano (...). Ela veio para aqui, primeiro por ser menina, depois eu percebi que ela não estava bem. Eu tratei dos documentos para que ela viesse. Ela entrou para a Infanta Dona Maria em 2010. Ela sempre foi uma menina com muito boas notas. Nunca precisou de insistência para estudar. E eu notei diferença porque ela começou a ter notas muito fracas. Tirou negativas e foi escondendo (...).

Vim como estudante, e segundo o SEF o meu estatuto não pode mudar. Tem que permanecer como estudante, até que haja alguém que se comprometa a assumir. E não é fácil, porque mesmo para trabalhos mais simples, eu já tentei. Eles pedem o currículo, quando veem a formação, não aceitam. Com a idade que tenho também não é fácil. Isso foi criando transtornos, mas continuo fazendo buscas.

A minha intenção é acabar a parte curricular do doutoramento e voltar. O transtorno é a formação ser em Lisboa, o que exige deslocação, alojamento. São gastos. Obrigava-me a sustentar Coimbra e Lisboa. Isso é impossível.”

Lyuba Danylova é ucraniana. No período de um ano ficou viúva, o seu filho casou-se e tornou-se avó. Decidiu então sair da Ucrânia, deixar a casa onde vivia ao filho, e partir para “ver o mundo”. Sem saber bem onde iria parar, entrou num autocarro pensando que da Ucrânia até Portugal (o “fim do mundo” como ela diz) encontraria um lugar para ficar. Acabou por chegar a Lisboa, onde encontrou pessoas que a ajudaram a encontrar um emprego de governanta na casa de uma família na Figueira da Foz. Aí viveu até conhecer um companheiro que vivia em Coimbra. Tentou fazer a vida com ele, nesta cidade, mas não resultou, de modo que vive atualmente com uma colega bielorrusa em Coimbra.

“Então, eu também fui para Portugal em 2001, nessa altura há muita gente da ex-União Soviética foram embora porque a vida ficava mesmo muito mal, e então também fui, mas não por causa de dinheiro como foi muita gente. Nessa altura, eu tinha um bom emprego, nunca me foi desempregada, trabalhava na polícia na parte de segurança; já tinha casa e tudo, tinha meus bens e não foi mesmo por causa de dinheiro, porque neste ano, há um ano atrás, 1999, o meu filho casou. Casou e juntou a sua família, dentro de um ano eles fizeram de mim avó e foi tudo bem. Em 2001, à noite, ainda pro cima no dia em que eu

fez anos, morreu meu marido (...) é, uma coisa cerebral, e como que eu já não tenho meu filho para criar, já está adulto, tem a sua família, para deixar pra ele tudo o que eu tinha, o apartamento – porque sabe como é a juventude, não tem dinheiro nem nada, precisa de tudo, deixei tudo isso e fui, não fui para Portugal, eu apanhei o autocarro, abri visto para a Alemanha e fui para a Alemanha; da Alemanha depois apanhei outro autocarro e fui para Portugal. Eu pensava pelo caminho da Ucrânia daqui da capital até ao fim do mundo, como se diz de Portugal, porque há frente não tem nada, vou encontrar pessoas que vai-me ajudar a arranjar um emprego, uma casa na Polónia, na França, na Alemanha, na Lituânia, mas cheguei aqui a Portugal e não encontrei nenhum bruxedo. E posso dizer que nunca e tive sorte, grande sorte porque eu quando cheguei arranjei emprego na Figueira da Foz. (...) foi uma aventura porque toda a gente foi e, como que eu já não tinha família, o filho vivia separado de mim e marido morreu, eu.”

Rosantina C6 é guineense, tem 41 anos e duas filhas. Veio da Guiné Bissau para Portugal porque a sua filha nasceu com uma cardiopatia, necessitando de tratamento médico inexistente no seu país. O pai da criança desde há alguns anos que vivia em Lisboa. Ao chegar a Portugal, Rosantina não teve o apoio do companheiro, o qual disse não poder recebe-la em sua casa pois morava numa pens6o. Deixou-a ent6o, juntamente com a criança, na casa do irm6o, o qual se encontrava a trabalhar em França, ficando acompanhada da cunhada. Ap6s alguma insist6ncia, Rosantina descobriu que o pai da sua filha tinha outra fam6lia em Cascais, raz6o pela qual n6o queria recebe-la. No entanto, acabou por encontrar uma casa para ela e para a filha. Rosantina conseguiu um emprego nas limpezas e percorria v6rios quil6metros todos os dias entre a casa e o trabalho. Entretanto ficou gr6vida e teve outra filha. O companheiro, contudo, começou a tornar-se violento, e Rosantina n6o aguentando mais decidiu sair de Lisboa e mudar-se para Coimbra. Desempregada, sem uma rede de apoio na cidade, experi6ncia uma situao de grande vulnerabilidade, sobrevivendo com o apoio do Centro de Apoio Jo6o Paulo II, na par6quia de S6o Jos6.

“Tenho 40 anos, pr6 m6s vou fazer 41, sou da Guiné e sou da cidade de Bissau. Viajando da Guiné para c6, a minha filha mais velha que j6 agora tem cinco e j6 vai fazer seis, em 3 de setembro, ela nasceu com um problema de cardiopatia cong6nita, estava com o corao assim encolhida, ela mal se ali-

mentava, vomitava tudo para fora e tinha febre, tinha vários sintomas que não dava mesmo para ficar em casa uma semana sem ir ao hospital, nós andávamos sempre hospital-casa; como lá, até agora não tem os aparelhos que podem diagnosticar uma certa doença de imediato – até agora tem esse problema lá, não sei se há alguns meses atrás mas até agora não tem um aparelho assim sofisticado nos hospitais, os nossos hospitais também estão cheios de carências. E a partir disso, o medico me tinha dito que a menina precisa de um tratamento, porque lá não tem, não sabem, não sabem onde vão intervir de imediato, porque não têm como fazer operação lá, e não têm como tratar a menina lá e disseram que mandaram a uma junta médica, fazer uma junta médica. Quando estive internada com a minha filha, a última vez que eu tive internada com ela, estive lá dois meses, onde vim crianças a morrer lá, porque tinham problemas de coração e não podiam intervir porque não fazem operações lá ao coração. Ou a pessoa vai para o Senegal ou é transferida para cá, ou para outro país. Sendo assim, e eu falei para o pai dela que estava cá. (...)

3. A subjetividade das ruturas biográficas

Os episódios biográficos, acima narrados, têm elementos comuns que inserem o percurso migratório destas mulheres em dinâmicas migratórias mais amplas. As três mulheres brasileiras fazem parte da maior comunidade de população estrangeira com estatuto legal de residência em Portugal, a mulher ucraniana pertence ao terceiro maior contingente de estrangeiros na mesma situação, e as mulheres guineense e moçambicana também pertencem a contingentes migratórios presentes no país, ainda que menos expressivos (INE, 2013: 118). Por outro lado, com exceção da mulher ucraniana, as demais inserem-se no sistema migratório lusófono, ou seja, um sistema consolidado ao longo de séculos, que envolveu inicialmente dois países, Portugal e Brasil, que nas últimas décadas implicou outros países de língua oficial portuguesa, e em que os fluxos migratórios são acompanhados pela mobilidade de capitais, cultura, matérias-primas entre outros elementos (Baganha, 2009; Marques e Góis, 2012). A presença da mulher ucraniana em Portugal justifica-se com o posicionamento do país no sistema migratório europeu, e as tendências migratórias dos países de leste para a o sul da Europa (Góis e Marques, 2010). Por outro lado, a presença das seis mulheres em Portugal pode ser interpretada através do crescente processo de feminização das migrações internacionais (Castles, 2003: 8), em que com exceção dos dois casos de reagrupamento familiar, os demais correspondem

a situações de autonomia das mulheres e transformação das concepções de género nos processos migratórios (Catarino e Morokvašić, 2005). E ainda, certamente que os percursos destas seis mulheres estão relacionados com os impactos que a imigração tem na sociedade, economia e território de Portugal (Reis et al., 2010).

No entanto as experiências destas seis mulheres têm uma espessura pessoal e social que está para além dos números, das teorias e dos diagnósticos que possam ser feitos sobre migrações. Desde logo elas têm nomes próprios, têm uma identidade e personalidade, têm famílias e comunidades de pertença, têm todas as contingências positivas e negativas da vida vivida no espaço de origem. Quando decidem migrar transportam consigo todas essas subjetividades. Por isso Socorro, Flávia, Elisabete, Dália, Lyuba e Rosantina são diferentes entre si e recusam-se a ser reduzidas a categorias abstratas. Por exemplo, a afirmação dessa individualidade está presente quando algumas destas mulheres se indignam com a abordagem autoritária e indiferenciada que os Serviços de Estrangeiros e Fronteiras lhes fizeram, revoltam-se contra os estereótipos que lhes são atribuídos em função da sua condição de mulheres estrangeiras, resistem às múltiplas formas de indiferença e discriminação de que são vítimas.

As motivações invocadas por cada uma das mulheres para iniciarem a sua diáspora pessoal, são bastante diversas. Socorro e Flávia vêm num contexto de reagrupamento familiar depois de ficarem com os filhos no país de origem, privadas da presença dos respetivos maridos. Elisabete veio por motivos sentimentais depois de conhecer um português nas redes sociais. Dália chegou a Portugal para estudar e valorizar-se profissionalmente. Lyuba veio conhecer o mundo. Rosantina veio em busca de tratamento médico para a filha. Entre as razões pessoais e familiares assinaladas para virem para Portugal, em nenhum momento a subjetividade da narrativa pessoal de cada uma destas mulheres vai ao encontro das forças transcendentais da economia ou da política. Contudo, não se nega a existência dessas forças como contextualizadoras de fluxos e dinâmicas, nem tão pouco se espera que as mulheres refiram questões económicas na sua ponderação para migrarem. Como é referido num estudo sobre a presença de mulheres imigrantes em Portugal, Joana Miranda (2009: 196) identifica-lhes uma clara motivação económica para migrar, que se traduz numa fuga à pobreza e numa busca de vida melhor. Também as mulheres voluntárias que participaram na oficina biográfica, de forma direta ou

indireta, fazem alusão a essa busca de uma vida melhor em termos materiais, sendo que o fator decisivo para saírem do seu país e virem para Portugal é a busca de uma vida diferente em termos familiares, sentimentais, emocionais, experienciais, educacionais e de saúde.

O processo migratório em busca de uma vida diferente significa uma rutura biográfica para todas as mulheres implicadas. Essa rutura é, em primeira instância, feita por referência ao espaço. O movimento de ultrapassagem de fronteiras implica que se deixe um espaço físico e simbólico de referências identitárias e se entre num outro espaço que é desconhecido e por vezes hostil, obrigando inevitavelmente a uma adaptação a novos contextos, relações, estatutos e práticas. O tempo é outra variável relevante, desde logo porque estabelece um antes e um depois do processo migratório, constituindo essa cronologia uma marca profunda na narrativa das mulheres. Existindo uma rutura biográfica com o antes e depois da vinda de lá para cá, que em termos concetuais até se traduz em distintas designações de emigrantes e imigrantes, não significa isso que não haja uma linearidade biográfica na vida de cada uma das migrantes. O passado representa as circunstâncias sobre as quais se alicerçaram as condições para migrar, o presente representa uma alternativa ao passado, e o futuro constitui uma incógnita entre permanência e o regresso. As narrativas biográficas das seis mulheres têm muito presente as ruturas nas suas vidas determinadas pelos respetivos processos migratórios, mas mantêm a integridade identitária na permanência dos seus traços raciais, linguísticos, culturais, nas visões do mundo e nas experiências de vida.

As ruturas biográficas das mulheres migrantes podem ser interpretadas como um direito de fuga. Segundo Sandro Mezzadra (2010: 315) para além das conotações negativas próximas da traição, da cobardia ou do oportunismo, o conceito de fuga oferece outras conotações positivas, como a aventura, a descoberta, o desejo de viver, entre outras possibilidades. Conotações estas que se inscrevem num registo emotivo de subjetividades que estão para além de causas objetivas, e que são determinantes para migrar. Assim, “para que as migrações ocorram, é necessário existir um movimento individual (efetuado de forma concreta por uma mulher ou um homem concretos, inseridos em redes familiares e sociais mas ainda assim capazes de iniciativa individual) de deserção do campo onde vigoram essas causas objetivas” (apud: 318). Socorro, Flávia, Elisabete, Dália, Lyuba e Rosantina exerceram esse direito de fuga quando

tomaram a iniciativa de deixarem para trás as condições objetivas em que viviam em busca de outra vida, estando aí presentes elementos de aventura, de descoberta e felicidade. Ao exercerem esse direito, todas elas se emanciparam do seu espaço, agiram para viver condignamente, tornaram-se agentes da sua própria história, adquiriram a capacidade, como diz Paulo Freire (2006: 90), de pronunciar o mundo.

4. Conclusão

Os relatos das experiências migratórias feitos pelos próprios migrantes são momentos solenes. Deixar um espaço e ir para outro, não se traduz numa simples transposição de fronteiras, significa uma rutura pessoal que entre perdas e ganhos, modifica inevitavelmente as circunstâncias e estatutos sociais dos protagonistas. Ninguém, independentemente das circunstâncias, passa impunemente por esse processo. Por isso, as narrativas biográficas da experiência migratória constituem momentos de intensa interpelação às múltiplas abordagens académicas, políticas e sociais que se façam aos migrantes.

Dar voz a pessoas silenciadas através de processos de biografização, traduz-se em promover os migrantes de objetos a sujeitos de investigação (Delory-Momberger: 2014: 2). Ou seja, os migrantes não são entidades passivas que se limitam a contar os episódios da sua odisseia pessoal, são narradores das suas experiências concretas de migração e por consequência interpretes privilegiados dos processos migratórios. É a subjetividade da narrativa que importa realçar, e nesse caso os migrantes tornam-se parceiros de investigação, obrigando ao esbatimento da clássica fronteira entre investigador e investigado. É a subjetividade das emoções, sentimentos, perceções e inquietações que está em causa, refletidos em situações concretas de vivências migratórias. A assunção dessa subjetividade através da verbalização das vivências é feita em primeira instância pelos migrantes que se confrontam com a necessidade de estruturar e interpretar os espaços e tempos do seu contexto histórico e social. Este trabalho de narração da subjetividade é conseguido no âmbito de oficinas biográficas, onde os exercícios de fala e escuta de cada migrante incentivam à verbalização e valorização dos respetivos percursos biográficos.

Neste texto procurou-se, através das narrativas biográficas de seis mulheres imigrantes em Portugal, mostrar a importância da subjetividade das diásporas pessoais. Apesar deste texto não expor plenamente o alcance emancipatório do ateliê biográfico, as mulheres que nele participaram,

ao compartilharem as circunstâncias em que chegaram a Portugal, tomaram consciência da sua condição de sujeitos migrantes, e reconheceram as experiências das outras. Ao verbalizarem as suas experiências individuais, estas mulheres deram voz a longas genealogias silenciadas de imposição de preconceitos sociais, emancipando-se dos estereótipos que lhes são atribuídos. E em simultâneo, a subjetividade narrativa destas mulheres proporciona um conhecimento sobre a lógica das migrações, a forma como decorrem, e ainda o processo de integração na sociedade de destino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAGANHA, Maria Ioannis (2009), “The Lusophone migratory system: patterns and trends”, *International Migration*, 47(3), 5-20.
- CASTLES, Stephen (2003), “Toward a sociology of forced migration and social transformation”, *Sociology*, 37(1), 13-34.
- CATARINO, Christine; MOROKVASIC, Mirjana (2005), “Femmes, genre, migration et mobilités”, *Revue Européenne des Migrations Internationales*, 21(1), 1-17.
- COLLET, Beate; VEITH, Blandine (2013), “Les faits migratoires au prisme de l’approche biographique”, *Migrations et Société*, 25(145), 37-47.
- DELORY-MOMBERGER, Christine, (2009a), *La condition biographique: Essais sur le récit de soi dans la modernité avancée*. Paris: Téraèdre.
- DELORY-MOMBERGER, Christine, (2009b), “Le biographique: quel espace de recherche dans les sciences humaines et sociales?” Dans le cadre du séminaire de recherche et de formation à la recherche biographique, rencontre du 21 novembre 2009, intitulée: “La recherche biographique dans les sciences humaines et sociale”, pp. 5-6. <http://issuu.com/asihviv/docs/derniereversiondocssem2010/1?e=0/6547229>
- DELORY-MOMBERGER, Christine (2009c), “Trajectoires, parcours de vie et apprentissage biographique”, in Delory-Momberger, Christine; Souza, Elizeu Clementino de (org.), *Parcours de vie, apprentissage biographique et formation*. Paris: Téraèdre.
- DELORY-MOMBERGER, Christine (2014), “Pesquisa biográfica e experiência migratória”, comunicação apresentada no Colóquio Internacional Biografias e(m) migrações: construindo um trabalho em colaboração no contexto português, realizado em Coimbra, em 30 e 31 de janeiro de 2014.
- FERRAROTTI, Franco (1991), “Sobre a autonomia do método biográfico”, *Sociologia Problemas e Práticas*, 9, 171-177.
- FREIRE, Paulo (2006), *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- GÓIS, Pedro; MARQUES, José Carlos (2010), “Novos fluxos de imigração em Portugal: o novo posicionamento de Portugal no sistema migratório europeu”, in Baganha, Maria Ioannis, Marques, José Carlos; Góis, Pedro (orgs.), *Imigração Ucraniana em Portugal e no Sul da Europa: a emergência de uma ou várias comunidades?* Lisboa: ACIDI.
- INE (2013), Estatísticas demográficas – 2012. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística [consulta em 29 de janeiro de 2015 file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/Pub_Est_Demograficas2012.pdf].
- LECHNER, Elsa (2009a), “Migration, recherche biographique et émancipation”, in Delory-Momberger; Niewiadomsky, Christophe (orgs.), *Vivre/Survivre. Récits de résistance*. Paris: Téraèdre.
- LECHNER, Elsa (2009b), “Migração, pesquisa biográfica e emancipação social: contributo para a análise dos impactos da pesquisa biográfica junto de migrantes”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 85, 43-64.
- LECHNER, Elsa (2012), “Subjetividades confiscadas: silêncios e silenciamentos num terreno etnográfico”. *Forum Sociológico*, 22, 83-89 [consulta em 10 de janeiro de 2015 url: <http://sociologico.revues.org/690>].
- MARQUES, José Carlos; GÓIS, Pedro (2012), “A evolução do sistema migratório lusófono. Uma análise a partir da imigração e emigração portuguesa”, *Revista Internacional em Língua Portuguesa – Migrações*, 24, 213-232.
- MEZZADRA, Sandro (2010), “Direito de fuga”, in Dias, Bruno; Neves, José (orgs.), *A política dos muitos. Classe e multidão*. Lisboa: Tinta da China.
- MIRANDA, Joana (2009), *Mulheres imigrantes em Portugal: memórias, dificuldades de integração e projetos de vida*. Lisboa: ACIDI.
- PEIXOTO, João (1998), *As migrações dos quadros altamente qualificados em Portugal. Fluxos Migratórios Inter-Regionais e Internacionais e Mobilidade Intra-Organizacional*. Tese de Doutoramento, Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa.
- PEIXOTO, João (2004), “As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macrosociológicas”. Instituto Superior de Economia e Gestão – SOCIUS Working papers, 11/2004.
- PIASTRO, Julieta (2008), Consideraciones epistemológicas y teóricas para una nueva comprensión de las identidades” in Santamaría, Enrique (ed.), *Retos epistemológicos de las migraciones transnacionales*. Barcelona: Antropos Editorial. 17-29.
- REIS, José et al. (2010), *Imigrantes em Portugal. Economia, pessoas, qualificações e territórios*. Coimbra: Almedina.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2008), *As vozes do mundo*. Porto: Edições Afrontamento.
- SAYAD, Abdelmalek (1999), *La double absence: des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré*. Paris: Seuil.